



O PODER E COTIDIANO:

Breve discussão sobre o poder para Norbert Elias

Ademir Gebara (UNIMEP) Doutor - agebara@unimep.br
Ricardo de F. Lucena (DFE/CE/UFPB) Doutor - ricoluce@hotmail.com

Resumo

O texto aponta para um debate acerca do conceito de poder em Norbert Elias. Dois textos serão focalizados com especial atenção, um deles é uma entrevista concedida por Elias a Peter Lucas e publicada com o título de “Conhecimento e Poder” e o outro é a obra “Os estabelecidos e os outsiders”, escrito em parceria com J. Scotson. Consideramos que o argumento básico elaborado por Elias é que há diferentes fontes de poder, que ela é política, econômica, de conhecimento etc., e também se expressa de variadas formas. O poder é fruto das relações sociais, uma análise sociológica deve prestar atenção às mudanças que se produzam na balança de poder, fornecendo assim elementos mais palpáveis sobre as trocas nas estruturas sociais.

Palavras-chave: Poder; Cotidiano; Norbert Elias.

Introdução

O presente texto é apenas uma tentativa de provocar um debate acerca do conceito de poder em Elias. Aspecto que gostaríamos de ver discutido porque presente em praticamente todos os seus trabalhos e categoria relevante, visto que nos escritos de Norbert Elias o poder é fruto de relações e, portanto, não é um fato posto e situado que pode ser isolado como uma coisa qualquer, mas é algo relacional, que faz parte das inter-relações humanas. O poder, diria Elias, tem haver com o fato que existem grupos ou indivíduos que “*podem reter ou monopolizar aquilo que outros necessitam, como por exemplo, comida, amor, segurança, conhecimento, etc. Portanto, quanto maior as necessidades desses últimos, maior é a proporção de poder que detêm os primeiros.*” (1994, p. 53).

Não vamos aqui discorrer sobre o poder na vasta obra do autor, vamos apenas destacar esse elemento a partir de dois textos de Norbert Elias. Um deles fruto de entrevista concedida por Elias a Peter Lucas e publicada com o título “*Conocimiento y Poder*”¹ e o outro diz respeito à obra “*Os estabelecidos e os outsiders*” escrito em parceria com J. Scotson.

¹ Esse texto é parte do volume cujo título também é *Conocimiento y poder*, organizado e apresentado por Julia Varela. É composto por mais três textos escritos por Norbert Elias e o quarto texto é a entrevista que utilizo aqui.

É necessário primeiramente ter em conta que para Elias os debates sociológicos e políticos sobre o poder estão deformados, porque as discussões não estão centradas nos equilíbrios e graus de poder, ou seja, nos aspectos que tem a ver com as relações sociais, pois se entende o poder como se fosse uma coisa que se põe na bolsa, por exemplo.

É preciso considerar que o argumento básico elaborado por Norbert Elias é que há diferentes fontes de poder, que ele é político, econômico, do conhecimento, etc., também se expressando de variadas formas e é o monopólio desses diferentes núcleos de poder que permite ao Estado se manter com um potencial elevado de poder. Portanto não é a toa que a teoria elisiana de processos civilizadores se fundamenta na idéia do monopólio de poder pelo Estado, inicialmente pela centralização do exercício da força e da cobrança de impostos – o poder militar e o poder econômico. Hoje, entretanto, considera Elias, que o monopólio desses fatores depende do monopólio do conhecimento, como elemento que marca a emergência de grupos de classes subalternas através das lutas pelo direito a educação, por exemplo. Fato que demonstra, na análise de um período relativamente longo, o equilíbrio de poder que põem em movimento as sociedades humanas.

Entretanto, o sentido do processo de monopolização que entende apenas o poder de decisão nas mãos de cada vez menor número de indivíduos, perde a idéia de um processo em relação com a longa duração. Para Elias, não significa dizer que um número cada vez menor de pessoas se torna ‘livre’ e, mais e mais pessoas se tornam ‘não-livre’. Mas,

[...] se o movimento é considerado como um todo, podemos reconhecer sem dificuldade que – pelo menos em sociedades altamente diferenciadas - em certo estágio do processo a dependência passa por uma mudança qualitativa peculiar. Quanto mais pessoas são tornadas dependentes pelo mecanismo monopolista, maior se torna o poder do dependente, não apenas individual mas também coletivamente, em relação a um ou mais monopólios. (ELIAS, N., 1990, p. 100).

E, continuando nessa linha de raciocínio é que podemos destacar que a interdependência entre as classes sociais e os indivíduos, dá margem a uma maior divisão de funções e a criação de instituições mais sólidas e, cedo ou tarde, ‘forçam’ o poder monopolista a relação de dependência funcional diante de grupos com menor coeficiente de poder.

Será que poderíamos pensar que a busca desse equilíbrio de poder, para Elias, se configura como motor de todas as relações humanas? Em “Introdução à sociologia” isso aparece justamente quando trata dos “modelos de jogo” (p. 87–112) para pensar as relações sociais. Assim, afirma Elias, “*o equilíbrio de poder não se encontra unicamente na grande arena das relações entre os Estados, onde é freqüentemente espetacular, atraindo grande atenção. Constitui um elemento integral de todas as relações humanas.*” (1980, p. 80).

Considerando que o termo “equilíbrio de poder” não é necessariamente sinônimo de igualdade de poder. Elias (1980, p. 81) aponta que tanto nas relações bipolares, como por exemplo a de pai e filho ou de senhor e escravo, e nas relações multipolares ou multipessoais, sejam “*grandes ou pequenas as diferenças de poder, o equilíbrio de poder está sempre presente onde quer que haja uma interdependência funcional entre pessoas*”. Sendo assim, o poder é, sem sombra de dúvidas, e como fruto dessa interdependência, um atributo das relações. Na proporção da função que desempenha uma pessoa em relação à outra ou um grupo em relação a outro é a base em que se constrói o “equilíbrio de poder”.

Pois que, indivíduos ou grupos destituídos de qualquer tipo de interdependência funcional, também se ignoram ou se desprezam mutuamente.

Foi esse sentido, de um poder interrelacional, que permitiu Elias observar como variam as relações que se estabelecem entre uns grupos e outros, entre uns indivíduos e outros. Como variam as influências mútuas entre os grupos sociais em cada momento histórico e em amplos períodos de tempo (1994a, p. 30). Foi esse sentido da análise que o permitiu entender o papel interrelacional do Rei e sua corte na análise que fez da sociedade francesa em “A sociedade de corte”. Depois, ver a formação do povo alemão e a ascensão de Hitler, em “Os Alemães” ou, o papel do simples indivíduo na teia reticular que forma com os demais, em “A sociedade dos indivíduos”. Portanto, o que Elias chama atenção nas suas proposições sobre o poder, é o fato de os debates a respeito do tema normalmente não estarem centrados nos equilíbrios e nos graus de poder, ou por outra, nos aspectos das relações sociais.

Os aspectos do poder nas relações sociais mereceram um destaque especial na análise que N. Elias e J. Scotson realizaram no bairro operário de Wiston Parva mostrando, entre vários e interessantes elementos que nem todas as formas de opressão social assumem a forma de relações de classe. No estudo em questão, no lugar de relações de classe, a relação entre estabelecidos e recém-chegados é privilegiada no sentido de capturar melhor a realidade das relações de poder no cotidiano das pessoas, além das interdependências que se estabelecem no interior destas configurações. É conveniente atentar para o conceito de comunidade em Elias, trata-se de um grupo de vizinhos vivendo em uma localidade, ligados por interdependências funcionais mais próximas do que as interdependências de mesmo tipo de outros grupos dentro do campo social mais amplo ao qual a comunidade pertence².

Em Wiston Parva encontramos três diferentes agrupamentos, um de classe média (zona 1), que foi uma área acrescida posteriormente ao empreendimento inicial, datado de 1880 e iniciado com a zona 2. Esta área também denominada de Aldeia foi habitada por uma classe trabalhadora mais numerosa, antiga e com laços familiares muito estreitos, implicando por isso mesmo uma maior participação associativa e comunitária, com um alto nível de organização no campo político. A zona 3 ou o Loteamento existente posteriormente aos anos 1940, tornou-se por inúmeras razões um bairro de migrantes. As relações entre a classe operária estabelecida na Aldeia e a classe operária migrante do Loteamento têm grande significação neste trabalho de Elias. Como se vê trata-se de analisar processos de identificação a partir da relação entre grupos, o que constitui dificuldade não desprezível tempo em vista a existência de unidades estatais plenamente consolidadas, como neste caso da própria Inglaterra.

Esta dificuldade deve-se também ao fato de que a referencia identificadora esta em processo de construção, tanto interior quanto exteriormente ao grupo focado, a par da existência de identidades mais abrangentes implicando a cidade, a região e a nação. A identidade *nós* esta sendo construída por *eles*, de certa maneira a História de um grupo, esta sendo construída também por outro grupo. A questão é saber até que ponto o grupo *nós* tem poder para intervir neste processo, definindo a natureza de seu próprio pertencimento.

² Para maiores detalhes ver: ELIAS, N. Towards a theory of communities. In: BELL, C.; NEWBY, H. (eds.). *The Sociology of Community*. London: Frank Cass, 1974.

No estudo de caso proposto, não havia diferenças de nacionalidade, ascendência étnica, cor, raça, ou mesmo diferença significativa de moradia e renda entre os residentes das duas áreas. Tampouco havia diferença de nível educacional ou classe social, a diferença essencial estava no fato de um grupo viver na área a duas ou três gerações, enquanto o outro grupo residente caracterizava-se como recém chegado.

Aqui temos um problema conceitual que não deve ser subestimado. Não se trata de abordar a questão pela lógica da exclusão, pois, a existência desta lógica implica já uma realidade inclusiva, em outras palavras, quando excluimos o outro, estamos reconhecendo sua existência, ainda que sejamos incapazes de os identifica-los claramente. Nesta relação de poder, o afloramento de tensões é permanente, provavelmente porque aceitar-se como *eles* implica em posição secundária no acesso às fontes de poder. Pensar conjuntamente o *eu*, o *nós* e o *eles*, constitui o grande desafio sociológico, especialmente por termos aqui uma relação entre grupos com diferenciais de poder acentuados.

As configurações, por sua natureza múltipla e interdependente, acabam por constituir um poder coercitivo sobre os indivíduos que as constituem, é justamente essa questão que enraíza parte substantiva da elucidação do funcionamento dos mecanismos de poder no cotidiano, e no caso de Wiston Parva, a fofoca é um integrante privilegiado deste processo.

Norbert Elias³ oferece uma possibilidade inovadora para analisar as relações de poder entre grupos estabelecidos e em relação a grupos de fora. O autor afirma que, não obstante as variações na natureza das fontes de poder entre esses grupos, são possíveis identificar características comuns e constantes, por isso mesmo estas “regularidades” generalizáveis poderiam ser aplicadas em todas as outras análises das relações entre configurações (grupos).

Em linhas gerais pode-se afirmar que o processo de estigmatização, manipulado pelas elites mais poderosas em relação aos seus grupos ‘outsiders’, independentemente de diferenças culturais, apresenta as seguintes características:⁴

1) As distinções de status entre os grupos estão enraizadas em uma balança de poder desigual entre eles. Por exemplo, o grupo estabelecido possui relações familiares (casamentos e parentescos cruzados), e redes de comunicação formais e informais (clubes sociais locais e centros irradiadores e organizadores de fofocas).

2) Os diferenciais de poder entre os grupos geram uma relação dinâmica entre carisma e estigma. “*O grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo outsider as características ‘ruins’ de sua porção ‘pior’ – de sua minoria anômica. Em contraste, a auto imagem do grupo estabelecido tende a se modelar em seu setor exemplar, mais ‘nômico’ ou normativo – na minoria de seus melhores membros.*” (p. 22- 23).

Um exemplo significativo se verifica na relação entre os chamados portadores de necessidades especiais e o grupo composto por acadêmicos⁵, quando propõem a

³ ELIAS, Norbert; SCOTSON, Johan L.. *Os Estabelecidos e os Outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. O trabalho original foi publicado em 1994.

⁴ KRIEKEN, Robert van. *Norbert Elias*. London, New York: Routledge, 1998.. Ver especialmente o capítulo *Process Sociology Extended*, p. 135–163.

⁵ Esta referência se liga aos trabalhos de Doutorado concluídos recentemente de Patricia Silvestre de Freitas (Doutorado em Educação, Unimep, 2003) e Ruth Eugênia Amarante Cidade e Souza (Doutorado em

identificação do outro grupo multifacetado, denominado deficientes, ou x, ou y, ou z. É clara uma relação interdependente entre estes grupos, ainda que os acadêmicos detenham as melhores oportunidades de monopólio do poder nesta configuração, a balança de poder é movimentada no interior destas relações interdependentes. *“A peça central dessa figuração é um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhe são inerentes. Essa é também a pré-condição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo outsider por um grupo estabelecido”* (Elias, 2000, p. 23). Há, portanto, uma complementaridade nós eles, na relação entre os formuladores das práticas, quer sejam médicas, quer sejam pedagógicas, e os destinatários dessas práticas, x, y ou z, todos portadores, quer sejam de necessidades, quer sejam de deficiências, a escolha será sempre um produto da manifestação do poder do grupo estabelecido.

3) É difícil para os membros de um grupo outsider resistir ao processo de internalização das características negativas que lhe são atribuídas pelo grupo estabelecido.

O argumento que vem sendo desenvolvido coloca no centro das relações de interdependência entre o grupo acadêmico e o grupo com denominação imprecisa, não a questão de uma possível inferioridade humana, inferioridade que de resto se explicita nas diferentes denominações propostas, deficientes ou portadores de necessidades especiais, mas, sobretudo é o diferencial de acesso às fontes de poder, o fator distintivo da identidade destes grupos: *“quando o diferencial de poder é grande e a submissão inelutável, vivenciam afetivamente sua inferioridade de poder como um sinal de inferioridade humana”*.

Certamente a especificação das diferentes características físicas (cegos, paraplégicos), acobertadas pela uniformidade dos termos genéricos (deficientes ou portadores), nos permitirá observar casos onde o desequilíbrio de poder é maior ou menor, dependendo do estrato grupal e seu nível anômico. Da mesma maneira, é de se supor a existência de resistências, elas mesmas manifestação de poder de segmentos dos grupos outsiders, como se sabe, os cegos recusam seu pertencimento à identidade generalizadora.

4) Como os grupos estabelecidos compartilham uma história comum, memórias e eventualmente parentescos, favores, desavenças e alegrias, existe uma sólida articulação grupal. Desta maneira, os moradores da Aldeia acentuam o isolamento dos recém-chegados, com múltiplas origens e passado distinto, eles são “gente diferente”. Em qualquer caso forasteiros colocam em risco os valores e a posição dos antigos moradores, por isso mesmo a sociodinâmica dessas relações é sempre muito tensa.

5) Os grupos estabelecidos consideram-se sempre mais cultos, mais civilizados, mais decentes, mais respeitáveis, em suma podemos afirmar que uma grande quantidade de conflitos sociais podem ser compreendidos de forma mais adequada através da sociodinâmica das interdependências entre grupos estabelecidos e recém-chegados.

Duas questões merecem particular atenção ao tomarmos este modelo de análise como fonte inspiradora para compreender os processos de constituição das identidades nacionais, em particular em países colonizados como no caso brasileiro. Dê um lado a questão da colonização em si mesma, pois que no dizer de Elias se trata de um processo

Educação Física, Unicamp, 2004). Um tratamento inicial, para debate com as autoras citadas durante o andamento das teses, pode ser encontrado em: GEBARA, Ademir. Poder e Preconceito. CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA, 4., 2001, Curitiba. *Anais...* Curitiba: SOBAMA, 2001. p. 34.

que deve ser visto a partir da sociodinâmica entre grupos comunitários e estados nacionais. Na medida em que as nações tornam-se socialmente mais diferenciadas assumindo a maioria das funções anteriormente atribuídas às comunidades, evidencia-se um processo de desfuncionalização da vida comunitária, no caso do contato entre comunidades indígenas americanas e Estados Nacionais europeus em formação, este processo é evidente⁶.

Um dos mais radicais processos de informalização desse tipo foi a destruição dos rituais que davam significado à vida e sustentavam modelos de vida coletiva entre os povos mais simples. No processo de colonização e no trabalho missionário por europeus. Talvez fosse útil examinar isso brevemente. Um dos mais extremos exemplos da desvalorização de um código que fornece significado e orientação a um grupo em ligação com a perda de poder do seu grupo portador é a eliminação das classes superiores nas Américas Central e do Sul, no decorrer da colonização e imposição do cristianismo pelos espanhóis e portugueses.

De outro lado, a formação nacional brasileira, implicando aspectos até então não considerados de geopolítica, onde a posse de espaços geográficos 'vazios', de dimensões continentais tem relevo significativo no processo de formação de fronteiras e limites, fato este frequentemente de maior relevância do que a monopolização da violência e dos tributos. Além disso, um conjunto diferenciado de novas relações entre estabelecidos e recém chegados, articulado a processos de desfuncionalização e informalização mal permitem definir relações estáveis de poder. Índios, mestiços, portugueses, escravos africanos e imigrantes, em diferentes momentos, serão tipos humanos presentes nesse processo civilizacional onde um aparelho de governo centralizado, desfuncionaliza permanentemente interdependências comunitárias.

Eis aí o porquê da questão higiênica crescentemente presente, a preocupação higienizante, neste caso, não é um problema de família, ou de uma 'classe' específica, explicação mais comum nas interpretações onde a categoria "trabalho" centraliza a análise do desenvolvimento do sistema capitalista em sociedades específicas, esta é uma questão colocada já na carta de Caminha, reiterada pelos Jesuítas, recolocada na Reforma Pombalina, clara com a transferência da Corte Portuguesa e politizada em todo o século XIX.

Mas pensemos um pouco sobre o conhecimento como uma fonte de poder em potencial, como sugere Norbert Elias. Hoje, tanto quanto no passado o poder militar, o poder também se gesta na forma de conhecimento. Um novo tipo de conhecimento é também um novo local de poder. O poder potencial das massas está diretamente relacionado com o acesso a níveis mais elevados de educação. Como diria Elias, "*o acesso a um conhecimento mais amplo, a maiores e mais compreensivos meios de orientação, incrementa o poder potencial dos grupos humanos.*" (1994, p. 57) Olhando para um período passado vemos o que isso significou para a Igreja Católica a emergência de um saber não centrado nos dogmas religiosos.

Por fim, vale ressaltar que, para Elias uma análise sociológica deve prestar atenção às mudanças que se produzem na distribuição de poder, fornecendo assim elementos mais palpáveis sobre as trocas nas estruturas sociais. Também os partidos políticos, nas sociedades mais diferenciadas de hoje, se configuram como umas das principais cadeias

⁶ ELIAS, N. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução dos habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997. p. 77.

organizativas de que se servem deferentes grupos com o intuito de controlar e dirigir uns aos outros. (1994, p. 61) Porque, “*o crescente poder potencial da população de um Estado está ligado a uma série de fatores como níveis de educação mais elevado, assim como uma maior dependência dos governos em respeito aos governados*” (p. 97) – vide aí o crescente poder da chamada “opinião pública”. Esses e outros elementos corroboram, nas palavras de Elias, o papel do conhecimento, pois que o próprio monopólio da violência física, um dos pilares da formação do Estado moderno, sua manutenção, depende hoje em parte do monopólio do conhecimento. Vejamos por certo, a corrida pelo podium na codificação do DNA, ou das “guerras cirúrgicas” com a precisão de morte milimétrica ou as mais refinadas ações de espionagem e controle. Afinal, “*Sorria, você está sendo filmado!*”

THE POWER AND DAILY: Brief discussion about the power for Norbert Elias

Abstract

This article points to a debate concerning Norbert Elias's conception of power. Two papers are being focused with close attention: one is an interview that Elias gave to Peter Lucas and published with the title “Society and Knowledge” and the other one is “The Established and the Outsiders” written together with J. Scotson. We assume that the basic argument developed by N. Elias is that there are different sources of power that can be politics, economics, knowledge, etc. that can be expressed by many ways. Power came from social relations, a sociological analysis must pay attention to the changes produced in power balance, this give us a more consistent ways to study changes inside social structures.

Key words: Power; Daily; Norbert Elias.

Referências bibliográficas

- ELIAS, Norbert. *Conocimiento y poder*. Madrid: La Piqueta, 1994.
- _____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. *Introdução à sociologia*. Braga: Edições 70, 1980.
- _____. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- _____. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução dos habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____. Towards a theory of communities. In: BELL, C.; NEWBY, H. (eds.). *The sociology of community*. London: Frank Cass, 1974.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, Johan L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- GEBARA, Ademir. Poder e Preconceito. CONGRESSO BRASILEIRO DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA, 4., 2001, Curitiba. *Anais...* Curitiba: SOBAMA, 2001.
- KRIEKEN, Robert van. *Norbert Elias*. London, New York: Routledge, 1998.